DA DECIFRAÇÃO
EM TEXTOS MEDIEVAIS

IV Colóquio da Secção Portuguesa
da Associação Hispânica de Literatura Medieval

Coordenação
Ana Paiva Morais
Teresa Araújo
Rosário Santana Paixão

Edições Colibri
Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Colégio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval, 4, Lisboa, 2002

Da decifração de textos medievais / IV Colégio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval ; coord. Maria Teresa Alves de Araújo, Maria do Rosário Carmona E. S. Paixão, Ana Paiva Morais. – (Extra-colecção)
ISBN 972-772-425-6

1 – Araújo, Maria Teresa Alves de, 1960-
2 – Paixão, Maria do Rosário Carmona Estevão Santana, 1936-
3 – Morais, Ana Paiva, 1956-
4 – Associação Hispânica de Literatura Medieval, Secção Portuguesa

CDU 821.334.2:09/06/14
821.334.3:09/06/14
821.335:1.09/06/14
061.3

Título: Da Decifração em Textos Medievais
IV Colégio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval

Coordenação: Ana Paiva Morais, Teresa Araújo e Rosário Santana Paixão
Editor: Fernando Mão de Ferro
Capa: Ricardo Moita
Depósito legal n.º 201 330/03
Tiragem: 1.000 exemplares
Lisboa, Novembro de 2003

DECIFRAÇÃO
Aires A. Naçiment

APERTO LIBRI
Uma representação simbólica do Arnaldo do Espírito Santo:
Decifração de textos anômalas
Francisco A. Marcos-Marin
“Los muros del saber”: cifrado
Maria Jesús Lacarra

ANAMORFOSES DE UM TEXTO IDÊNTICO (hispânico e vulgata) do Náufraga
Aires A. Naçiment

Da decifração e do amor no Rosto da Sofia Laranjinha
José Vieira Montinho
António Fournier
DE CIFRAÇÃO DE TEXTOS ANÔMALOS
EM SUPORTES ANÔMALOS

Francisco A. Marcos-María
(Universidade Autónoma de Madrid)

Os três problemas de decifração que se expõem a seguir têm em comum a peculiaridade de o material que serve de suporte à escrita, suporte que, deve-se esclarecer desde já, não é exclusivo à grafia como tal, se bem que, neste caso, a escrita adquire também uma certa relevância inclusiva por encontrar-se onde se encontra, mais do que pelo seu conteúdo. O fio condutor comum dos três é o recurso a procedimentos digitais, em diversos graus, bem como a necessidade da cooperação multidisciplinar.

No primeiro destes três problemas de decifração avança-se na interpretação de um texto breve, cuja conservação é limitada e que, pelo menos pela primeira linha, poderá ser um texto português. O procedimento aplicado neste caso baseia-se em recursos de tratamento de imagem: como tornar legível o ilegível, com o inconveniente de que, ainda que apareça vinculoso a um texto medieval, é na realidade, por razão do seu suporte material, necessariamente posterior. O segundo é tipicamente medieval e exige para poder ser solucionado a combinação de conhecimentos linguísticos, textuais e iconográficos. Para terminar, apresentar-se-á o terceiro, clássico, que trará a novidade relativa de se tratar de um testemunho antigo e, até agora, desconhecido, de uma língua peninsular com escassa utilização literária e o mesmo inconveniente, relativo a sua cronologia, que o primeiro.

1 O autor agradece à Ana Carla Sousa a sua tradução portuguesa do texto original. Qualquer erro é exclusividade do autor.

Francisco A. Marcos-Marín

A intenção que anima esta apresentação é em boa parte metodológica, mas não se quis que se subordinasse unicamente ao recurso a meios técnicos para decifrar textos. O trabalho filológico é sempre a parte essencial no processo de decifração.

Técnicas de imagem para a decifração do texto

O "descobrimento" da coleção Fouqué-Delboeuf na Biblioteca Nacional da República Argentina3 é, sobretudo, a sua catálogo e estudo, pós à disposição do investigador uma série de curiosos textos, manuscritos e impressos. Um dos impressos contém, como é frequente nestas edições antigas, um conjunto de notas manuscritas, algumas das quais são simples provas de pena, enquanto que outras podem revelar certo interesse.

Se bem que, é certo, se trate de um impresso e, por isso, «escada a cronologia medieval, o que interessa para esta exposição é a sua utilização como suporte de problemas de decifração de anotações manuscritas, da letra como imagem, em primeiro lugar, e da letra como testemunho».


Decifração do texto em segundo, com estudo. Utilizar-se-ia de uma técnica de análise de cores para uma análise visual da superfície do papel. A descrição do texto é a seguinte:

Juan de Mena.Las coto(m) glórias. No Catálogo da Biblioteca Nacional de la República Argentina, núm 162689. En frente ao Delboeuf, a letra, que diz: "R』

3 O colorido das letras | Acabou por Hernando, mas de Talley, que entendeu que a cor da letra (o número 162689, na frente do Delboeuf, a letra, que diz: "R』

4 O segundo texto é regulado com caracteres de letra seráfica, de f. XLVIII. Regada a f. CLII. Jiménez e Dominguez

5 Na realidade, esta pessoa personagem aparece na folha 379, em português.

6 A capa é tipográfica. O restante texto é manuscrito. A única solução é de acordo com o critério romano a partir da folha a alguns que corresponda ao texto das XXVIII. Tem riscos e linha iluminada. A capa é uma semente com caracteres gregos. Ainda está em branco. No final, dois riscos. Na parte inferior, com a inicial "c" a autor e título, uma linha do dorso, marcado em tons de vermelho, na folha 219 x 278 x 38 mm.
texto em seguido, com peculiaridades linguísticas que motivam o seu estudo. Utilizar-se-ão duas notas manuscritas incluídas neste impresso, na frente e verso da capa, respectivamente, para iniciar e encerrar esta exposição.

A descrição do livro seguido do catálogo informatizado da colecção é a seguinte:


Da sua história sabe-se que entre os seus donos estiveram o Conde de Erpelet e Raymond Foulech-Delbos e que se menciona também a um Llorente Gutierrez. Está impresso num papel cuja marca de água é uma noz enlavia e que sustém uma flor de cinco pétalas (f. XI). Trata-se de um in-folio que parece menor pela acção da galiñhota, com urmus dimensões actuais de 190 x 265 mm, Leita gótica e tintas vermelha e negra.

3 O colòniu dire assim: Acabada se trezentas do famoso poeta Juan de Mena glosadas por Hernand [nuez de Toledo] Cauallier dela orden de Santiago e emendasadas em esta segurada impressio por el mesmo Comendador quando el latim que no era neces-sario e añadido alguns dichos de Poetas e nel se contem muy proyectados para entnderlas copias. Impri[bo]s con grandissima diligencia por Juan Varela de Sala-mansa en la muy nombrada y [ ] gran ciudad de Granada. En el año de MIIII y quinien-los y cinco años: a siete siete dias del l] Mes de Noviembre. No Manual de Palas tem o número 162689. Na frente da folha de guarda final há uma nota de Raymond Foulech: "Delbos, a lápis, que diz: "22.ª col. da glosa de Ferran Núñez."


5 Na realidade, desta personagem é única coisa que sabemos, por agora, é que o seu nome aparece na folha 37r, em nota manuscrita na margem.

6 A capa é tipográfica. O resto está impresso numa coluna ou em duas, quando o comentário flanqueia a cópia. As dimensões da capa são 152 x 230 mm. (Diz-se as dimensões de acordo com o critério moderno de base x altura.) Está numerado em números romanos a partir da folha aq, primeira do texto, precedida da capa, sem numeração, mas que correspondem a aq, em cademar aq-a (8). Total: 156 f. de 48 linhas por folha (f. XXIII). Tem títuluras e mechas, na capa, tipográfica, como o deseja. No prólogo, inicial iluminada. A capa é uma folhieta compostas por quatro linhas de texto escrito em caracteres grossos. A encadernação é moderna, encontra-se em bom estado. Couro sobre caraxa. No lombada, dois títulos negros decorados com guia de escadaria superior e inferior. No primeiro, com letras douradas: "MENA | LAS | TRESCHENTAS." Entre aí e título, uma linha dourada. No segundo: "GRANADA | 1505." Papel de guarda numerado em tons de verde, lilás, negro e branco. O recorte inferior não é regular, 198 x 278 x 38 mm.
Este exemplar impresso das CCC inclui abundantes marcas, selos, anotações e provas de pena. A análise começará pela folha à frente, que dizer, a capa [Figura 1], na sua parte inferior, onde se aprecia uma nota manuscrita muito desbotada, que não se pode ler nem com luz ultravioleta e cuja má qualidade física se aprecia na [Figura 2]. A letra e as peculiaridades que se podem decifrar do texto situam-no a princípio do século XVI. A única linha que parece ler-se bem quase tudo não e melhor, cerneudo, com a luz ultravioleta, é a primeira, que, de acordo com essa leitura, seria:

décus quis nos fiço nos guarde de mal

Parece muito aventurado supor que se trata de um possível texto português, dado que coincide quase totalmente com o castelhano e só a palavra deus, reconhecida desde a abreviatura, sinaliza uma diferença. A última linha parece começar pelas palavras do rito, a qual eliminaria a adscrição à língua portuguesa de todo o texto. No entanto, cada linha parece ser independente da anterior, como se se tratasse de uma série de palavras em latim, o que pode fazer pensar inicialmente num texto em língua diversa, de um tipo já estudado noutro lugar. O enigma de decifração que o texto estabelece é, sem dúvida, como se pode conseguir ler melhor uma letra quase totalmente desbotada.

5 No verso do papel de guarda, ángulo inferior esquerdo, a lápis “4’700”. Em metade da folha, margem interna “60”. Na frente da capa, ángulo superior direito, com tinta negra “c-93 n 16”. Em baixo, em tinta negra desbotada “S senhor”. Na margem superior, mão de polícia e três dedos desenhado com tinta negra. Sobre a escrita, figura um círculo que engloba uma arma, desenhada com tinta negra. A sua direita, com tinta negra “cc 11”. Debordo do título, em tinta negra muito desbotada, o texto de cinco linhas que se analisa nesta exposição. A sua direita, tal como “CONFIDE DE ZPELETA” debordo de uma coroa. No ângulo inferior direito, figura num embaixo “a”, em grossos traços negros. No verso da capa, desenho em tinta negra. E com a mesma mão que a frente desenhou uma figura femenina. Aqui o guerrero sussurra uma espada na sua mão direita e um escudo de diversos ângulos embaixo. Ao seu redor, manchas de tinta, pregas de pena e incrustado. Na margem externa, números romanos. Na margem inferior, com tinta negra, versos de três linhas em baixo. No verso do nº 2, no fim do preâmbulo, com tinta negra “partes en la noche 11 de junio villalpando(gonz) derecho canónico 3 y cucl 32 del mes 10/10... “. O texto continua em latim. O texto está abundantemente sublinhado e pontilhado nas suas margens. Na frente do nº XXXVII, ángulo inferior, com tinta negra “florint il Paternoster”.

Decifração de textos anômalos em suportes animalescos

O processo de estudo deste fragmento começou por uma fotografia digital do texto, com o objectivo de dispor de um arquivo básico para o tratamento de imagens [Figura 3]. A imagem digital um formato TIFF permite a aplicação de tratamentos sucessivos sem perda da qualidade, ao contrário do que acontece no formato JPEG. O inconveniente é que ocupa muito mais espaço; mas este problema de armazenamento e memória deixaram de ser-lhe nos computadores e tão-ne cada vez menos nas câmaras digitais.

Agora parece ler-se na segunda linha algo como

_mantenga nos decusos

cor um espaço entre as sílabas de mas-ten-go.

Na última linha têm-se duas primeiras palavras no ore, e a última sílaba, de. A segunda palavra exclui, ao menos para esta linha, o carácter português do texto.

E aconselhável passar este tipo de texto a branco e negro [Figura 4], para poder aplicar técnicas de selecção de tons de cinzentos e de intensificação das letras desbotadas [Figura 5]. A delicada aplicação dos tons fortes recuperados digitalmente sobre os restos desbotados das letras permite obter uma imagem muito melhorada do texto [Figura 6] no que parece que o início da terceira e da quarta linha correspondem às abreviaturas BH e BESU Cristo. O r lê-se em quarto lugar na terceira linha e o t na quarta, em ambas segue-se sílaba no, que, na terceira linha continua com a sílaba pla. O final da terceira linha está riscado. A última letra na quarta linha é um a. O que podemos reconstruir do texto, com a ajuda digital, é incompleto, talvez inexacto em alguma leitura, mas pode melhorar-se:

1 decusos quij nos fico nos guarder de mal
2 mantenga nos decusos
3 BHX?ho pla??? g?? [riscado]
4 BHXX no (branco ou desbotado) a queixo ????? ??a
5 de ore ??? [mancha de tinta, rasgado] g?? da

Nas linhas 3 e 4 dever-se-ia interpretar a abreviatura BH (normalmente BESUA), seguida de X e várias letras até ao, como "cristão", mas o resto das linhas não dão maiores luzes.

9 Trabalho que se realizou com a ajuda de Laura Rosset, da sala do Tesouro da Biblioteca Nacional da República Argentina.
Decifração da imagem. O livro do xadrez, de Afonso X

A presença de texto em imagens ou as contribuições das imagens para aclarar textos são bem conhecidas e sempre têm interesse, além de sua apreciação estética que aumenta o seu atrativo. As vezes, no entanto, a imagem como tal é já um exíugo, porque implica a suposição ou a retirada de uma série de julgados ou proibições.

A 1 de Julho de 2002 o autor recebeu um e-mail de uma doutriz norte-americana do Professor Richard Knake, Sonja Musset, com uma imagem [Figura 7] e este texto:

"All images come from Afonso X el Sabio's 1283 Libro de los juegos. This first one is fol. 17v. I'm interested in the Arabic on the haloed, crowned fellow's sleeve. I'm hoping it's a name. I have a guess, and have had two other (conflicting) opinions I'll share, but I don't want to color your expectations before you look yourself. Also, what do you make of his halo in a Christian king's work? Saintly or enlightened?"


11 "Todas as imagens procedem de Libro de los juegos de Afonso X el Sabio, 1283. Esta primeira era do fol. 17v. Interessa-me o facto de o camado indivíduo esconder-se com um halo. Espero que seja um nome. Tento uma proposta e choque duas opiniões (não concordantes) que comentava, mas não queria influenciar o seu julgamento. Além disso, que há sobre o halo o que se colou de um rei criado? "Impedir a iluminação?"... A imagem resultou das linhas árabe, portanto, não se realizou em princípio com uma imagem existente. A imagem pode ser considerada com uma imagem que se apresentou nesse momento, que ainda, no total, apenas de três linhas que eram parte de uma palavra, ter em conta todas as possibilidades para comprometer a situação da Isla Sonja Musset no seu trabalho de desenho foi natural.

Cfr. Julita Zarco Cuenya. Real Bibliofilia del Ensayo 11
12 Capilla Real. MANID 1. toda menana de alegria e del Tablero & das tablas. A imagem do folio encontradores uma soluções, ponem a imagem no tabel
A figura mostra um
49

Decifráció de textos animàlis en supòsits animalòs

rio real de Alfonso X, 1283 en pergaminho, 97 ff. 2 cols. Prov.: Granada: Capilla Real. MANID 11090. Ocupa ff. 1r-97v. [prol. inc. 1ra] Por que toda manera de alegria quiso dios, [texto expl. 95r bl.]...Esta es la figura del Tabladero & de las tablas 12.

A imagem da folha completa [Figura 8] é imprescindível para encontrar uma solução. O texto descreve a partida ecstasi, á qual corresponde a imagem no tabuleiro, pelo que é obrigatório partir da iconografia. A figura mostra um sablo13, com um halo de iluminação14, muqulma-

---


13 Esta é a descrição de Steiger, que agradeço a Sonja Masier, bem como a toda a sua ajuda e crítica sobre este texto e suas imagens, assim como as referências nesta nota. "In einem ziemlich gedrängten Seesel sieht ein sprechender Araber, dessen hohen Hals ein prunkvoller Turban und der mit Schriftzeichen besetzte Armel verraten. Hinter ihm steht, als weiteres Zeichen seiner Macht, ein Schaharchsche, der sich auf ein hohes Schwert stellt. Zwei andere Mützen beraten ihren Herrn beim Spiel. Sean Partner ist ein weißhäutiger Mohammedaner. Die Erklärung dieser Miniatu re Boos einige Schwierigkeiten, da man erwarten würde, daß der vornehme Spieler nach arabischer Sitte auf Teppich oder Kissen setzt. Außerdem gab ihm der Maler einen eleganten Strumpf. \"Como se vi, Sargis interpreta o halo como de santidad e não achou àí for do que chama \"cortes\", Calvo, por sua parte, diz que \"A solução encontra-se na posição xadrezística, que era bem conhecida pelos árabes e que se transcreveu por tanto em diversos manuscritos islâmicos. Um dêles, descoberto pelo dr. Paul Schroeder, foi copiado no dia 21 do mês de Ramadã do ano 618 (1221 do nosso calendário) por Muhammad ben Husein Dihin, \"o maçom\", e reproduz o problema com o seguinte comentário: \"Al-Mahdi (o pai de Hamud ar Raschid) fic este problema, não ocorre em nenhuma pandas real.\" Continento Calvo (1132), \"Como comenta Murray (pp 192-193, e também 372-375), esta história é de valor histórico inserido. O cañita al-Mahdī escreveu da dinastia abasida (morto no ano de 785), considerava com levando laxa aposição a prática dos jogos, incluindo o xadrez, segundo se desprende da sua carta aos habitantes da Cífrica reproduzida por Wustenfeld (die Chroniken der Staat Mecca, Leipzig, 1861. II, n. 168) na qual aconselha a prestar \"de todas essas vaidades que estragam o pensar em Deus e
no, como indica o turbante, com uma vara na mão rematada por uma flor, possivelmente um nardo.13 Este símbolo do nardo apeca também nou-
tras miniaturas do manuscrito, como os turbantes dos reis da Índia e dos
três sabios que lhe apresentaram, por turno, o jogo do xadrez, o dos
dados e o do gamão, na folha 2r (Figura 9). A personagem está sentada
numa cadeira alta, uma cadeira, tudo nele reafirma a sua posição elevada,
como já assinalou Steiger. Por trás dele situa-se uma pessoa sem tur-
bante e com traje cristão, armado de espada larga, embainhada que
Steiger interpretou como um veredugo. Entre ele e o tabuleiro há outras
duas personagens, um deles sentado sobre os seus joelhos, na tapece
sobre a que se mostra o tabuleiro e, do outro lado deste tabuleiro, um ter-
ceiro, estes três maculamnos, pelas suas vestes e turbantes. Os três olham
para a personagem sentada na câmara, com claro aspecto de interrogação,
destacado pelo gesto dos dedos do que está de pé e o oposto. A persona-
gem da câmara parece assinalar o movimento das peças; é, claro, o
proponente do problema. Nada mais distrai a atenção.
Podemos voltar à partida. Na sua contribuição ao excelente fac-
símile, R. Calvo indicou que o manuscrito H apre-
sentado no tabuleiro a Al-Sul, enquanto que o manuscrito V afirma: “Foi
compedido por Al-Mahdi, o pai do califa Harun Ar-Raschid, e não succe-
de em nenhuma partida”. De acordo com isso, Calvo (184) supôs: “Esta
fonte, oral ou escrita, é a que atende em sua miniatura o ilustrador do rei
interferem com as obrigações para com ele e com as regras da mesquita”. Mas, por outra
parte, há também constância de que na coroa de Al-Mahdi se jogava xadrez, como
também na de seu filho e sucessor Harun-al-Rasid. O manuscrito árabe, segundo
Murray, coloca uma certa tendência a atribuir os problemas a personagens famosos e as
suas atividades “necessariamente tratadas com precaução”.14 Para
ela interpretação é referência obrigatória o Libro de las Lucas, um texto
murciano.15

Da flor pite-se desprendendo-se, marcado por uma linha, os aromas do perfume. A
metáfora do perfume da sabedoria é corrente. Em permuta considera-se o nardo a
flores mais sensual e por isso é a que se recomedia para almar o altar nas bodas. No
mundo seco, o perfume profundo o perfume per excellence, que se cita no El Can tar de
los Castores (v. 12). Segundo três dos evangelistas carismáticos e o Evangelho Arabe de
la Infancia, o imperioso sue Maria Madalena derramou sobre os pé de Jesus e
enxugou com o seu cabelo os perfume do nardo. Esta flor, segundo os alquimistas,
ajuda a regenerar as funções mentais quando falta a concentração. Murray cita uma
situação engraçada cuja narração se atribui a Al-Masudi, amigo e companheiro de Al-
Sul: “conta-se que Al-Radi ibn-al-Hab nasceu um dia pela sua sede campante de
Jarayya, quando foi atraindo por um belo javali, de céspedes e flores. Perguntou aos
seus servos se tinham visto algo belo. Os servos começaram imediatamente a
pronunciar-se sobre as maravilhas do jungle, a exaltar a sua beleza e o colocar-
ação acima das maravilhas do mundo. Basto, disse eu carta, a mistura de Al-Sul no xadrez
encanta-me mais que estas flores, e mais do que tudo o que mencionais”.”

13 Senha Moyer Colladay em Historical, Aramic and M University of Arizona, Tuc
14 Os grafem árabes mudar
inicial, medial, final ou se
que o E vem a seguir a um
seja, no sentido da escrita
uma inicial, melhor que se
na imagem. Essa letra seg
final do nome pelo que é
16 Abu Bakr Muhammad b
Cúpico, em curto descrito
separação até c. 860, e
Sarrazo e era sobretudo o
posiçao na corte de Bagda
Al-Mausar, campeão de o
os dois estilos posteri
fundamentos sobre o jare
17 Santiago Kuvadkar, em F
trata um “retrato da abgrav
do rei Sábio, sem ter com-
Afonso o Sábio, que representa conduzindo as peças vencedoras a um cattifa, sentado no seu trono, com czepro de comendo, e com têpica autó- 
la que aparece em numerosas figuras da pintura islâmica. Trata-se pesva- 
velmente de Al-Mahdi.16

No entanto, as letras na manga direita da personagem senta pare- 
cem dar razão ao manuscrito H e apoiar a intuição de Sonja Masser17 
sobre a personagem representada: Abi Bakr Muhammad bin Yahya al- 
Sulf. As letras correspondem à escritura cúfica florida e podem ser-se 
SWL. Tanto o S como o L mostram traços que indicam que vão unidas a 
uma letra anterior e a outra posterior, respectivamente.18 Afonso o Sábio 
segué, por tanto a tradição de atribuir esse problema ao célebre mestre 
xdrezista19.

Na sua aparente simplicidade, as iluminações do manuscrito susce- 
tam várias outras questões, que, em parte, têm uma solução com apoio no 
prólogo do livro. Nele o rei assinala como os jogos são instrumentos de 
'alegría' para os homens, com objecto de facilitar-lhes o enfrentar inevi- 
tável das asperezas da vida.20 Tal perspectiva, com a qual, a partir da 
ascensão da concepção judaico-crística ocidental, estarmos de acordo, 
choca com bastantes interpretações restritivas do mundo muçulmano, ao 
quanto as vestes e todos os dados iconográficos, incluídos a grafia e a lín-
gua árabe das inscrições, remetem.

---

16 Sonja Masser Gelladay text em preparação, "Les livres de acedéus da long a tablas: 
Historical, Artistic and Metaphysical Dilemmas of Alfonso X’s Book of Games". 
University of Arizona, Tucson director Richard Koskade.

17 Os gráfemas árabes mudam a sua forma, dado que a escritura é em tállico, em posição 
inalicial, medial, final ou separada. O ® do texto aparece com a forma medial, enquanto 
que o L vem a seguir a um W sem os gráfemas que não se prolonga à sua esquerda, ou 
seja, no sentido da escritura, da direita para a esquerda. Pés que o L, a que segue é 
uma inicial, melhor que separada, não é, num-se a uma letra leigante, que não cabe 
a imagem. Essa letra seguinte, pelo que se vê do trago de trinta, poderia ser um ? 
final do nome pê que é conhecida a personagem.

18 Aby Bakr Muhammad bin Yahya al-Sulf nasceu na região de Judá, pés do mar 
Caspão, em data desconhecida, talvez c. 859, ainda que alguns historiadores atraso o seu 
nascimento visto c. 880, e morreu em Basora, em 946. Descenda do principe turco 
Sulayman e era sobrinho do poeta, Abu al-Abbas, também chamado al-Sulam. A sua 
posicional na corte de Bagdade melhorou depois de derrotar e substituir, entre 900 e 906, 
al-Mas'udí, campeão da corte dalles al-Makki. Contuessa nesse posto com 
as aos cabais posteriores, al-Ma'múdir e al-Rafi. Escreveu uma das obras 
fundamentais sobre o jogo, os dois tratados do Livro do Xadrez, Kitáb al-Sanad.

19 Santiago Kervadoff, in Faussay de Intenidad, Buenos Ares, cênto, 2002, 176-196, 
traça um "retrato da alegria", que distingue da felicidade e que coincide com a proposta 
do rei Sábio, sem ter consciência disso.
Ainda que não faltam defensores e partidários dos jogos entre os muçulmanos e sua prática esteja amplamente estendida, podemos reproduzir uma rápida antologia de precauções ou simples proibições, baseadas na afirmação de que o profeta Muhammad incluiu o xadrez entre os “jogos de sorte”; e que chegou a dizer que os jogadores de xadrez preferiam contar com a sua partida x é a oração. Estas afirmações não se encontram no texto alcorônico, a não ser nos hadíes, textos que reúnem “ditos do Profeta”, segundo uma série de atribuição, oral, que deve cumprir certas condições para ser considerado fiável.

Segundo Muslih al-Qadir, o profeta disse: “Quem joga xadrez é como o que tinge sua mão com a carne e sangue de um porco.”

Um hadiz de Malik 554/725-7 atribui ao profeta o dito de que quem joga xadrez desobece a Deus e ao Seu mensageiro.

Alva, a esposa de Mahoma, considerava o xadrez mau e Omar, o segundo califa, golpeava, ao que parece, os jogadores e partia as peças do jogo. No seu Rihla, 45.03, jogos e apostas, Malik matiza: “não se permite jogar ganância (backgammon) ou xadrez, mas não há dano em dizer a paz esteja contigo quando um se aproxima dos jogadores”.

E representável sentir-se e observar o jogo, que é precisamente o que fazem o rei Afolon ou o rei ou as personagens muçulmanas representadas na iconografia.

Em 643, um bispo de Egypte, escreveu que o jogo era legal. Em 655, o califa Ali b. Abi Talib, genro de Mahoma, desaprovou que os muçulmanos jogassem xadrez, mas muçulmanos vão de um general (Amr b. al-Asi), conquistador do Egito, morreu em 665, era um reputado jogador.

30 Súsped muçulmana que, em alguns momentos e lugares, os cristãos tinham permitido.

Sobre estas questões há informação no Internet, em http://www.understanding-islam.com/talk/text.php?file=question&aid=533, ou http://www.understanding-islam.com/talk/text.php?file=discussion&tid=131. Tem-se também comentado que é possível encontrar-se um transmissor de baile, ainda que se saiba que seca-se de uma persona íntegra. Para isso basta assimilar uma devoção da sua memória, ou que transmitem um elogio de coisas certas: o não está totalmente seguro. Se assim for, classifica-se se houverem de bom e harmônico; mas indica-se que sua baile é debil. Basta se saiba que um transmissor tenha conceito e mais pequeno erro, para que os seus conhecimentos se contradizam. Há comentários sobre a contracção de um transmissor porque foi visto cavaleiro muito rápido na sua imitação. Um estudioso de baile foi a Russo para conhecer os seus famosos sabios. Apresentou-se de um gênio, com a esperança de ver os hadíes que tinha reunido. Mas quando chegou, encontrou-se jogando xadrez. Desconcertado sem nem mesmo encostar-se a falar ao que de chamava de mal em cavaleiro uma imitação do em jogar xadrez reconhecemos que são atividades conversativas num estudo dos hadíes.
Os defensores do xadrez apoiavam-se em que o jogo que se provê nos díctos ou hadicess em boca do profeta se chama “nurd” ou “nurdshir”, um jogo de garrão parecido ao backgammon. Mencionava-se o “Shi'ite” – o que conhecemos como xadrez – em alguns díctos; mas não chegam a ter o mesmo grau de autenticidade requerido para assegurar a sua atribuição ao profeta. Daí supostas diferenças de opinião entre os juristas. Diz-se (apesar dos exemplos de Malik citados), que nem o Imam Malik nem o Imam Shafiie nem os seus seguidores consideram proibido o xadrez, enquanto que os juristas que não o consideram lícito baseiam-se, não num dito do profeta, senão por relacionar o jogo com a proibição do “nurd” ou “nurdshir”. Os defensores asseguram que derivar a proibição do xadrez da do “nurd” parece inadequado se se considera que o “nurd” é em princípio um jogo de dados (azar) e que se jogava com fichas que o qualificavam como apostas, enquanto que o xadrez é um jogo de habilidade. Há uma razão histórica, certamente; mas não tem que ver com o jogo actual (ou medieval, para o caso): o anátopado do xadrez, o chaturanga, jogava-se atrariendo os dados para mover as peças segundo o valor marcado por estes.

Neste contexto, tão controvertido no século XII como no XXI (a julgar pelos debates actuais entre muçulmanos na Internet), a representação do turbante é um indicador da pertença à comunidade muçulmana (os cristãos não podiam levá-lo e tinham os seus próprios chapéus distintos), enquanto que a precisão com a que se reproduzem jogadas concretas de partidas identificáveis, nas ilustrações, é clara mostra de uma tradição iconográfica contínua, da qual apenas se conservam hoje os exemplares mais notórios, assim como de uma vigilância dos jogos que prova o seu profundo enraizamento.

A cooperação entre investigadores com conhecimentos complementares, capazes de completar dados textuais e iconográficos com a análise cultural, permite ler as letras da manga da personagem principal representada na folha 17v como = SWL = e assegurar, corroborando a tese de Sonja Musser, que se trata do mestre de xadrez do século XI, erudito e poligrafo, Abi Bakr Muhammad bin Yahya al-Suli. Anfus X seguiu uma tradição árabe que lhe confere o problema delineado. As miniaturas do Livro de xadrez não são neutras, transmitem um claro apoio aos partidários da licitude do jogo e inscrevem-se numa consideração do lícito e da alegria que não tem uma contrapartida clara no mundo muçulmano. O seu alcance também não se limita a este mundo, porque, paralelamente, a Igreja católica proíbe a prática deste jogo, muito relacionada com apostas em dinheiro. Em 1212, o Concílio de Paris condenou o xadrez, após a sua condenação pelos bispos Guy e Eudes de Sully.
Esta sentença é confirmada na Polónia pelo rei Casimiro II e em França por São Luís (1226-1270). Pode-se, entretanto, admirar, nos dias de hoje, um belo jogo de cristal de rocha, conservado no Museu do Louvre de Paris, cuja propriedade remontaria ao próprio santo. Felizmente, estas proibições não se mantiveram, mas isso dá mais força à atitude aberta e permissiva do Rei Sábio.

Decifração da letra. Um texto manuscrito basco na edição das CCC de 1505

Pode regressar-se agora ao impresso das CCC de Juan de Mena, do qual interessam para o último enigma as três linhas do verso da capa, escritas em basco, cuja leitura depara o primeiro problema de decifração textual clássico, o da letra. Pode afirmar-se que é uma letra do século XVI, pelo que podia ser do primeiro ou de um dos primeiros proprietários do impresso. A olho no le-se com dificuldade [Figura 10], mas aplicando luz ultravioleta à tinta, entende-se com absoluta nitidez [Figura 11] e le-se o seguinte, transcrição numa modificação que o uso do <e> ordinário, que é sempre o alvo no texto:


Comprovou-se a leitura com fotografia digital e limpeza eletrónica, mas neste caso a lámpada de vácuo foi suficiente.

O texto em si carece de interesse, pode ser uma prova de pena, sem mais, com a peculiaridade de que se tenha usado o vaso pleno. Agora, ao século XVI também não era usual escrever nesta língua e, desde logo,

21 O autor agradece a Maria Vilaplana, catedrática de Paleografía da Universidade Autónoma de Madrid, a sua ajuda na análise da letra e numa primeira leitura, anterior ao estado minucioso que pode realizar sobre o texto em Julho de 2002, com rais ultravioleta e limpeza digital e a ajuda técnica de Laura Rosato, funcionária da Sala de Tesouro da Biblioteca Nacional da República Argentina. Qualquer erro de leitura e interpretação é exclusivamente do autor.

22 Esta palavra, ao margem e nas entrelíneas. Parece tratar-se da forma suficientemente <zue>, que indicaria, ou que as formas <zue> (nômeses) poderiam ser substituídas por formas em <zue> (vés, vece), ou que a forma <zue> se refere a um plural (suit, sena assim equivalente a sok). Veja-se também a nota seguinte.
que se fizesse dá algumas pistas sobre a história do livro. A tradução seria a seguinte:

O moço, a moça, a mulher, o homem, moço sem braça [vocês] // Antônio, comamos vós e eu, comamos [bebamos?]. // Almoçamos, merendeiros

23 A ajuda de Joséfa Abaiuza e Joséfa Lakena permite precisar a tradução de jan daiga. F. Salaberry proporcionou uma ampla informação junto com a proposta de tradução que serve de base à que se oferece: "Mulula, neskaua, andura, gizoma, minu &upenje // Antônio, jan daiga[s] // se o estás jan daiga[s] // [vocês] are amordado, merendeiro. Está sem dúvida escrito em basco ocidental, pelo auxiliar daiga[ns] equivalentemente ao central e oriental daig, formas de substantivo de verbos transitivos de dois argumentos, do tipo de jan 'comer' ou odan 'beber', pelos finais -e ou -e em lugar do mais estendido -e e talvez também pela pronunciação apalavreada de inicativa a surda basca da tua, em origem -u, com dorsovocaliza, se não trata-se de uma questão meramente gráfica, o que também é possível. Andera é uma forma determinada, com ato, como moça, neskaua e gizoma, o qual quer dizer que a forma nula pode ser andera. Ou seja, andera «a» andera sebra o basco central-occidental. Há um ponto para mim não está inalmente claro, mas creio que se pode traduzir assim: moço, moça, mulher, homem, moço sem braça / sem gato // histórico. Comamos tu e eu também, almoçamos, merendeiros. Creio que o uto dá margem no presente ao texto, digamos porque de outra maneira seria inconceivível em grande medida. Chapperoy, por outro lado, parece que é um composto de *chaperau, que poderia estar por *kaperau (cit. Kapela, kapele) ou por *tauperau (cit. kapele) e -e relacionado com bay. gabe 'se' // cit. auklu, auklu vorgutxa, de auklu 'poder' e gabe 'se'; segundo Muscatina, *Formatica Historica Vasca, 354). Quero dizer que o seu inicial poderia ser tanto palatal como velar, mas o dígrafo ch-lu com que me inclino pela aliciada palatal.

Prossegue: "É divinidade que em supervisão temos sok/naka daiga[s] e -e tu e eu também, pois expressamos a forma ocidental ber: redorida na actualidade no comunicacao oral a ber, como ere a e, ainda que não seja, creio, impossível que aparecesse ere com outros traços mais ocidentais como daiga[s] e -e. Na entanto, a data demasiado inicial do texto também contraria a tradução mencionada, trata-se de ber > ber ou de ere > e. Por isso, considero que não é impossível que em supervisão ganaspey tangamos sok/naka daiga[s] ou seja, tu e eu bebamos, que fazia pendular com o jan daiga[s] comamos anterior. Com esta suposição poderia considerar-se que há um erro gráfico de -eis por -as caso talvez pelo ganaspey anterior. Para terminar, quero recordar que manila ou neskaua nos talares orientais significam também criado, criada, mas ao tratar-se de um texto ocidental parece que há que preferir a tradução espírito acima. Assi verbos amordado, merendeiro falta-lhes o auxiliar daiga[s], mas estas suposições normalmente são baseado, para evitar repetições_pelas leis em evils, em evils e lekhet ans en varo, sema- -e e começam a falhar às vezes. evils e lekhet ans en varo também assinala a falta do nato em daiga. 'Daiga': Outro informador, que desejo o anonimato, comenta em que é ocidental. Discorrendo no final, parece-lhe estranho que o auxiliar daiga, que pode ser comum para os três verbos, não se encontre, como é normal, depois do último. Dado que este e o anterior não se confundem, o qual também é estranho, pensa que a nota que deve ser sua, marca de terceira pessoa para ditas verbos, de modo a que 'comamos nór' (pressa que no segundo ampla de 'aturn'), se opõe 'tomou o pequeno-valmego e lancheu -ele'. Obrigado a Fernando González Olé pela sua ajuda no processo de conseguir dados de bascos navarros.
Ainda que magmetanique (zuk em ntk), não tenha constituído nenhum problema de interpretação como caso exato das formas pronominais de segunda e primeira pessoa, unidas pela conjunção copulativa, esta opinião reforça-se com o apoio de Josefa Lakarta, que escreve, em nota privada, “se bem que não haverá abundantes paralelos nos textos bascos da época, -nique- pode tão ser mais que uma forma "extraçada" (como em micénico e em celtibérico em escritura íbica) de escrever -nt/ni/ dando que os velares finais são fonológica e morfologicamente existentes em romance e é este que impõe os seus usos gráficos ao vascongo (ha que lembrar bastantes casos comparáveis (como o XVII) com -es em vascongo por -ies, em textos de dialectos sem a neutralização de sibilantes que, naquela época, não conseguem cobrir mais de metade ocidental do território de dialecto basco).” Em troca, para ganhar o seu interpretação revelou-se fundamental e convincente. A partir de uma proposta de Josefa Abadias de interpretação de dasha como forma do verbo auxiliar gagik "façar", escreve: “deveria aclarar-se o valor do consoante racial de gan-, mais à sílaba do fragmento e o valor de suzetinique, abreviando, não descartar que atuava uma espécie de futuro (ha múltiplos exemplos, muitos reunidos na minha edição de [26] Refranes y Sentencias de 1596) e em concreto de impessoal para o que creio que poderia encontrar alguns paralelos. Por outro lado, havíamos que pensar num % por % somente, entre outros, um texto de 1639 editado por Miosella e logo por Sarriola.” Uma vez que o basco segue a grafia do castelhano, a atibuição ao século XVI permite aceitar este dado, que se poderia situar em relação com os abundantes textos nos quais a incipiente fricativa velar suara do romance se representa com a única fricativa velar possível, o sonoro -s-. Fonologicamente -es-, mas foneticamente também -es-, fricativa. No entanto, é perfeitamente possível interpretar -es- inicial como uma grafia palatal, que é o provável em princípio para o resultado da semi-consoante -s- do vascongo e que encaixa com a tradição navarra de empregar o -es- para a representação de palatais, tanto ante vocais não palatais em combinação para indicar uma nasalização da consoante.


27 As formas verbais e de empréstimos românicos corresponde à zona de c desde o ponto de vista de que outros testemunhos interessantes questões la

28 Laí, Míchelena, Isu. Garrotz y Cantabria "Euskaran la prehistoria de la lengua " (1967).

29 Neste mesmo lado Foique Asturias: FEO 65. E um encargo de Jeronimo Zunia Pepe de Portugal, que = Visco y F. "Que es e ell por estas mordidas que H vemos Heleno noutros escritores em su linguaje de varios nome". En-basco unica

30 Na livros XXII, f. 108 b., p. 61.

31 Ibid. p. 63.

32 Anestis Tiver, Entre el O vaso: de uma carta de pri
As formas verbais armosadu meryendah oferecem claros exemplos de empréstimos romanes, com a forma -ui, do vascô ocidental, que corresponde à zona de origem proposta. O texto é de grande banalidade, desde o ponto de vista do seu conteúdo, ainda que não maior nem menor que outros testemunhos primitivos de outras línguas; em troca, coloca interessantes questões linguísticas.

A escrita do basco26, recorde-se, com precedentes onomásticos em inscrições latinas, vai unida à do caxelhão nas Glosas Emilianenses, no século X. A seguir encontram-se testos esporádicos em documentos romanes, em forma de palavras soltas, topónimos ou antônimos pelo geral27. Para compreender melhor a importância destes fragmentos tenha-se em conta que os que têm mais de cinco palavras são escassíssimos até ao séc. XVI: encontra-se um na Bienaventuranzas y Fortunas de Lope García de Salazar (1399-1476)28, e outra no Vocabulário incluído no relato da peregrinação de Arnold vos Harff, de 149029. No séc. XVI há que esperar até 1521 a.q. para a fórmula de emprego da regra da terceira ordem de são Francisco (ibid. p. 142-143) e o primeiro texto mais comprido é o do capítulo IX do livro segundo de Pantagruel, de Rabelais, ed. 1542, que, curiosamente, refere-se também a actividades mandacuvresas (Michelena, cit. p. 145). Sem necessidade de entrar agora na história da língua usada, recorde-se, pela muito possível proximidade de datas, a carta do primeiro bispo de México, Frei Juan de Zumárraga, a Carolina Ruiz, viúva de Ilígo Martínez de Arrazola, data da 15 de Fevereiro de 153730.


27 Neste mesmo lugar Foucault-Debrucq, Catálogo da Subasta 1519, assinatura da BN Argentina, FD702. É uma tradução castelhana, ao que parece do século XVI, por encargo de Jerónimo Zurita, com notas da sua mão, do livro do conde de Barcelos, D. Pedro de Portugal, que se intitula Libro de los linajes de españa. No cit. IX, de Viscaya, f. 15 v. "todo iz el campo que da suena y de piedras quedó ay ancia y por esta/por donde la housea y tan grande que las piedras y el campo fui todo vencio por aquel nombre al campo el campo de Angureha quero tanto quiere decir en su lengua de vascunhe como piedras Bermejas, y ay en este día tiene este nombre." Em basco anticida hartxgorriaga: geralmente armagorraga.


29 Ibid. p. 65.

30 Antonio Tovar, Enrique Ote y Luis Michelena, "Nuevos y más recientes testos arcaicos vascos de una carta del primer obispo de Méixco, Frei Juan de Zumárraga", Euskera.
A presença desta nota em busca no exemplar impresso das Tre- 31 scientias consertado en Buenos Aires, à parte da sua relativa importância lingüística, tem um interesse talvez maior no que concerne à história do livro, vinculada com selo com a coroa do conde de Espeleta. Trata-se da história de uma família navarra ilustre, descendente de São Luís Rei de França pelo ramo Beauant. Francisco de Espeleta, quarto barão de Espeleta e quinto visconde do vale de Erro casou-se com Engrace de Luxe, décima geração de descendentes de São Luís, filha segunda de Juan IV de Luxe e de Isabel de Gramont, cujo casamento se tinha celebrado em 1534 ou 1535. Anteriormente, uma Espeleta, dona Juana, tinha casado em 1460 com Mosén Pierres I de Peralta,5 e o velho, grande personagem da corte navarra51 que figura em primeiro lugar em muitos acontecimentos célebres, como a coroação de D. Juan II e de Dona Blanca em Pamplona ou o casamento da infanta Dona Blanca com o Príncipe das Astúrias em Alvaro. Fundou em 1438 o morgado de Mar- 32 illa, que foi o primeiro morgado estabelecido como tal em Navarra, cuja licença tinha outorgado o rei Carlos III (1387-1425)53 até 1409. Mosén


31 Biscaye, por tanto, de jiuna de Beaumon, de casa real navarra. Em 1469 casou-se com Juan, segundo senhor de Luze. Era a sexta filha de Luís I de Beaumont, primeiro conde de Lezin, nascido em 1249 em Muro e Moris em 1462, casado em 1424 com dona Juana de Navarra. Luís I de Beaumont, por sua vez, era o primeiro filho do segundo casamento de Charles de Beaumont, senhor de San Martín de Ux y de Beire, condesável de Navarra (1381-1382), casado em 1401 com Anne de Curtin, Dame de Curtin e de Guisens.

32 Senhor das Vilas de Peralta e Andoillia, Marcella e Vilanaure. Mestre de honras ou Monólogo maior da rei D. Carlos III e do seu Conselho, Conselheiro e Secretário do Rei. Neste inicera-se a áurea genealogia dos Marquises de Falces.

33 Quando Mosén Pierres recebeu de Carlos III de Navarra o título de rico-homem, no ano 1416, acrescentou ao seu escudo heráldico (já com o grilo em suporte, alado e armado de arrai, o bordado de couro a grande, os dois séculos rebatidos a suos) um quarto das armas do rei, no seu caso, a quarta parte das capturas procedentes da batalha das Navas de Tolosa (1212).

34 A Carlos III outorgou a sua filha Blanca (1425-1441), casada com Juan II de Arizaga. O contexto entre este e o seu filho Carlos, Príncipe de Viana, pelo poder em Navarra, dividiu a nobreza navarra entre os garumoneses, que apostaram Juan II e os beaujoneses, que apostaram Carlos. Juan II regeu Navarra de facto até à sua morte, em 1479. Sucedeu-lhe as seus netos François Fého (1479-1483) e Catalina (1483-1512), casada com o francês Juan de Alber, o que levou-os a procurar a aliança com a França, numa tentativa de se atar à influência de Castela. Fernando o Católico invadiu Navarra em 1515 e anexou-a à Coroa de Castela, mesmo sendo filho de Ariaga e não de Castilla (a rainha era a sua filha dona Juana, a mãe do imperador Carlos).
Pierres de Peraltz estava ele esse morgado para o seu primogénito, o nalfadado Joao de Peraltz.

Na linguística, a vinculação com Beire e San Martin de Urux é significativa. Em Origenes de español, Menéndez Pidal cartografou o fimite de predominio do vasconho nos séculos IX-X, situando entre as povoações mais meridionais a Beire. Um documento de 1587, constroído na Biblioteca do Seminário de Vitoria e editado por M. Leisima, inclui uma lista das povoações do bispoado do arroio de Pamplona na qual se diferencia as que falam bases das que não falam. Em San Martin de Urux ainda se falava basco em 1587, segundo esse documento, ainda que, à luz de outras interpretações, é provável que se travasse de um núcleo bilíngue, em fase de castellanização avançada. O desenvolvimento histórico de Beire iniciou-se como um núcleo repovoado desde San Martin de

15 Naceu aos trinta anos de casamento, foi anexado pelo rei Carlos III e a ela tinha viva de Sicília. Mas mostrou esforço, pelo que houve o morgador de Maceió e o segundo filho Maço Piets, R. O homem, casado há muita vez, com Ana de Bravante, no dia 27 de Dezembro de 1440, senão menor de idade e a segunda com Isabel de Fox, da família real navalga, a 13 de Junho de 1462, a qual teve uma filha, a virgem de Navarra Ana de Peraltz. De Ana de Bravante, sua primeira mulher, teve um filho e uma filha. Pierres III morreu jovem, pelos que dona Juana de Peraltz heredou todos os títulos e propriedades. Em 1467 casou-se com D. Tristão Carvalho, Conde de Argüos, celebre cavaleiro de Toledo, que libertou D. Juan de Aragão quando os franceses o tinham sitiado em Perpiñán no ano de 1474. Don Tristão e dona Juana tiveram um filho que se chamou Álvaro Carvalho e de Peraltz, o qual vira a ser o primeiro marquês de Falcões. Trazeu como de San Martin de San, Grande Conde-Morável de Navalga, Grande Mariscal, Bastão de Maceió, Peralta e Falcões. O imperador Carlos V escreveu a Navarra a 5 de Março de 1529 desde Valladolid, correndo-lhe que se ia como em Inglaterra como imperador, o que confirmou sua importância. Foi o testamento em 1534 e deixou a ocupação de ter entrado junto à sua mulher, Ana de Velascos, da família dos Condes de Castilho. Don Alonso e dona Ana tiveram três filhos, Antonio, Pedro e Luis. Dos Antonio Peraltz e Velasco: 1 de nome. II marquês, herou a baronía e por tanto o palácio e o povo de Maceió. Na parceria dinástica de Navarra defendeu os interesses de don Juan de Alber e a casa Catalana de Fox. A 17 de Março de 1516, à frente das tropas invadira Navarra, apelando D. Juan a recuperar o trono. Depois de muita sucessos retirou-se para Matilha. A sua mulher era francesa, dona Ana de Fosquer. Tanto o marquês como a marquesa permaneceram a seguir ambos em 1545. Tiveram vários filhos que morreram jovens e ser famosos. O herdeiro foi D. Gastón de Peraltz. III marquês e herdeiro de Maceió. Naceu em Fox quando os seus avós andavam ao serviço do de Alber. Outros marquis de Palmas e prenhecem-no em Carlos II, chegando a se vice-rei de México.


18 Resumidas por Ana Maria Echave, loc.co. 436.
armaria nos Livros Reais. A visão dos bens agregados quarteis em 1781. O irmão de Ezepeleta de Beire por Casamento provavelmente neste o título de conde, como figura.

Seja porque o possuía adquirindo, a nova em vasilício, uma parte se falece que na ação de provavelmente desde a sua da sua edição ou é acontecendo que os Beaumontes apoiar os capítulos do século XVI com a aprovação a Castilho (os beaume a francesa neste caso) confi

Conclusions

As técnicas electrónica car e permitem recuperar te-mente. Mesmo que às vezes primeiro problema tratado texto, como no terceiro caso.

A combinação de data- tural, como sucede no segundo corrobora a tese de Son sentada na folha 17v é o Muhammad bin Yahya Al-S apresentado, de acordo com as ilustrações do Livro de as tentativas, em França ou mundo cristão, a atualidade de identidade moral do xadrez, insa

A leitura correcta, a in problema, tornam possível d espontânea e familiar mais a a atenção sobre a necessidade notas manuscritas nos inter- numa base de dados que reca

38 Esta data não consta, mas ficou, devidamente, no penúltimo episódio de 1605 em Valladolid, onde ocorreu uma carta a expresso de Cervantes, Catalina de Salazar, sua filha Isabel de Suárez, com a qual o autor tinha dezenas, e sua irmã Andrés, com a sua filha Comendadora de Saybro, e Magna. Na investigação sobre a morte em estranhas circunstâncias de um cavaleiro navarro, Gaspar de Ezepeleta, os viajadores assinaram-se ao relato de algumas mulheres da família mantiveram com essas e outras personalidades.

42 Incorporou-se-lhe a grandeza de
armaria nos Livros Reais. Em 1719, Agustín de Ezpeleta litigou pela isenção dos bens agregados. Joaquim de Ezpeleta solicitou rebaixê de quantia em 1781. O irmão deste, José de Ezpeleta, foi nomeado Conde de Ezpeleta de Beire por Carlos IV a 31 de Agosto de 1797. O livro foi contudo provavelmente nesses anos finais do século XVIII com a coroa e o título de conde, como figura no exemplar de Buenos Aires.

Sejá porque o possuiria a família desde a sua impressão, ou porque o adquirira, a obra em vascoço permite supor que o exemplar esteve numa zona onde se falava basco desde muito cedo, segundo no século XVI, provavelmente desde a sua compra inicial: o tema da Fortuna, a data da sua edição e os acontecimentos navarros de fala do século XV (em os que os Beaumonteses apoiaram o perdessor, o príncipe de Viana) e princípios do século XVI, com a vitória de Fernando de Aragão e a incorporação a Castilha (os Beaumonteses apoiaram também a causa perdessor, a francesa nesse caso), combinam-se de modo interessante nesta hipótese.

Conclusões

As técnicas eletrônicas de tratamento da imagem são úteis de aplicar e permitem recuperar textos dos quais não podíamos dispor anteriormente. Mesmo que às vezes os resultados sejam ainda parciais, como no primeiro problema tratado, souitros permitem uma completa leitura do texto, como no terceiro caso.

A combinação de dados teatrais e iconográficos com a análise cultural, como sucede no segundo problema, permite afirmar, por uma parte, corroborando a tese de Sönja Musser, que a personagem principal representada na folha 17v é o mestre de xadrez do século XI Abu Bâe Muhammad bin Yahya al-Suli, a quem Afonso X adjudicaria o problema apresentado, de acordo com uma tradição árabe. Também se entende que as ilustrações do Livro de xadrez não são neutras. Se tivermos em conta as tentativas, em França ou na Polónia, de proibir o xadrez, dentro do mundo cristão, a atitude de Afonso X é um claro apoio aos partidários da licitude moral do xadrez, independentemente de sua religião.

A leitura correta, a análise paleográfica e a filológica, no terceiro problema, tornam possível dispor do que talvez seja o texto basco em prosa esportiva e familiar mais antigo e mais longo, até agora. Chama também a atenção sobre a necessidade de prosseguir estas investigações sobre as notas manuscritas aos impressos e de reunir os resultados destas leituras numa base de dados que recolha o esforço conjunto dos investigadores.

---

40 Incorporou-se-lhe a grandíssima Espanha a 22 de Março de 1866.
O texto que marca os seus problemas analisados nesta apresentação, pois consta na frente e no verso da sua capa e primeiro e o terceiro, é um livro medieval dedicado à Fortuna e à sua índole. O patrimônio dos Espelos em Beiré desfaz-se em 1895. Nesta data os Padres Blancos adquiriram o palácio e desse valor se produziu o diploma das Tecnicas por Raymond Trouliché-Delphine, ao desfazer-se a biblioteca de.

É o único exemplar com a caixa de Conde de Espelos que figura na coleção de Buenos Aires e, salvo erro por parte deste crítico, o único que possui o estudioso francês. Desde aí foi parar, como se viu, a Buenos Aires, onde tem sido possível recuperar e decifrar este texto em basco, junto com toda em pós-história de um livro numa família.

41 Ao longo do século XIX, a história dos Espelos foi também interessante. Em 13 de Fevereiro de 1808, sendo o Conde de Espelos capitão geral do Pregouço da Catalunha, permitiu aos soldados franceses do general Dubron, a entrada em Barcelona e, além disso, autorizou-os a comprar a guadua com as armas e pinholos, pelo que a porta principal estava guardada por vinte soldados espanhóis, um companheiro de regimento francês. Apesar dos franceses terem ocupado Pamplona a 16 de Fevereiro, depois de organizar a guarnição da cidade com homens na revolução, enquanto lhes puseram os armas, foi conhecida de Espelos, dado que não conseguiu por ele a Dubron, a 29 de Fevereiro de Chaves, mudou-se de Bayona às portas de Barcelona e a divisão Leclerc, que já estava na cidade, formou parte da cidade em parada de revista. Com o protesto de comandantes, o Governador da Cidade, Leclerc e um oficial de Estado maior causaram a ponte, sobre a qual o general francês parou, deixando as instruções ao oficial de comando da parada e os soldados franceses do batallão de Velhas, correaram até à ponte, penetraram na cidade e tomaram como prisioneiro o Governador. Já no século XVIII em Espelos apareceram vinculados a Cusa, onde, de 1 de Dezembro de 1785 até 1799 José Manuel Ignacio Timoteo de Espelos Galileano Ocañón y del Prado nasceu em 1740 ou 41, morto em 1823) foi Governador. Entre 1826 e Janeiro de 1840 ocupou o mesmo cargo Joaquim Espelos e Emile (1786-1865).
Las ccc. del famosíssimo poeta Juan de Menaco gloña
manuscript text...
Este es otro juego segundo en que ha
nuevos movimientos que se pueden
ver en la figura del
tablero, donde se ve jugar del
os blancos mueven
su rey y liga al
un paso después de
se mueve en la casilla
blanca.
El primer juego sale
la reina con el canalla blanco al
en la cuarta casa del
alférez azul,
seguido en la segunda casa del
seis puzo,
la reina en la cuarta casa del
cuatro puzo y
la reina en la cuarta casa del
cuatro puzo.
El segundo juego sale la reina con el
su canalla blanco en la
la dama en la cuarta casa del
casa azul, entre el
el seis puzo en la
la reina en la cuarta casa del
la casilla azul.
En el tercer juego sale la
con el rey blanco en la
la casa azul
el canalla puzco,
la casa azul en la
la cuarta casa del
casa azul.
En el cuarto juego sale la
que juega con el canalla
la casa azul en la
la casa azul del
casa azul.
En el quinto juego sale la
que juega con el canalla
la casa azul en la
la casa azul del
casa azul.
En el sexto juego sale la
que juega con el canalla
la casa azul en la
la casa azul del
casa azul.
Ese que oyeron salen sus risas mucho a risitas, manotes el les que adoráis en su mano muebl

El que con él se comía con su muñequita

El segundo que la mía no de era una vez que se enseñó que no estaba nada el solo si no la mujer seguido y que la fuerte llegó a sí misma a ser de na

El tercer que viste que en mí era tomar ve el tablero de las tablas cualquier puerta en las estancias y con lo que las monturas podían seguir se muebl en este libro que sabía aproximadamente eres, en que se acercaron que en el nuevo arreglar que el que las soplar bien pegar que aún a la fuerza veler que le sea cantar que por su colonia podían pegar con las tablas de manera que equilibran el mundo que puede tener por la ausencia de los otros...
puegn et tal via saltem prae ob mutu lanse et ad Andrea seu a nun cu tal chapere u

anto m sander g a suqet an que gan dag si

armosat meruenda

eco